



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao segundo dia do mês de março do ano de 2023, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A TRANSGRESSÃO FEMININA E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO EM ESTRELAS ALÉM DO TEMPO”, de autoria da aluna **KATIUSCIA ALVES DE OLIVEIRA**, do curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão. Os trabalhos foram instalados pela Professora Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Orientadora) (IEL/UFCAT), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Dr. Wendel de Souza Borges (ILEEL/UFU) e o Me. Lucas Silvério Martins (PPGEL/UFCAT). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 10,0 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, Professora do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCAS SILVÉRIO MARTINS, Usuário Externo**, em 02/03/2023, às 20:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **WENDEL DE SOUZA BORGES, Usuário Externo**, em 03/03/2023, às 19:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3483289** e o código CRC **6B5A0CC0**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Professora Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Orientadora), o Professor Dr. Wendel de Souza Borges (Membro Titular), e o Me. Lucas Silvério Martins (Membro titular), participaram da Banca Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna **KATIUSCIA ALVES DE OLIVEIRA**, matrícula 201903392, do Curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), sob o título: "A TRANSGRESSÃO FEMININA E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO EM ESTRELAS ALÉM DO TEMPO", ocorrida na data de 02 de março de 2023, em conformidade com o Regulamento de TCC do referido curso, perfazendo uma carga horária total de 5 (cinco) horas.



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3483292** e o código CRC **57C0F3E5**.

Referência: Processo nº 23070.004408/2023-27

SEI nº 3483292

A TRANSGRESSÃO FEMININA E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO EM *ESTRELAS ALÉM DO TEMPO* (2016)¹

“Eu levanto a minha voz, não para que eu possa gritar, mas para que aqueles sem voz possam ser ouvidos... não é possível prosperar quando metade das pessoas ficam para trás.”
(Malala Yousafzai)

Katiuscia Alves Oliveira²

Resumo: Com trajetórias envoltas pela transgressão em um ambiente predominantemente marcado pela presença de homens brancos, as matemáticas Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson protagonizam a obra de Margot Lee Shetterly (1969), na qual encontramos um cenário segregacionista e cuja nuance da alteridade se efetiva. Dessa forma, a transgressão passa a ser vista como fator de construção identitária sócio-historicamente e torna-se objeto do olhar desta pesquisa para que seja possível verificarmos de que forma o texto literário confronta as ações transgressoras das personagens e serve como ambiente de desconstrução e debate. Ademais, o presente estudo buscará refletir acerca das estratégias estético-literárias utilizadas pela autora para fazer valer a voz das cientistas negras e dar-lhes visibilidade, apresentando outra perspectiva por meio da importância do texto literário e suas potencialidades. Logo, a pesquisa aqui apresentada visa discutir como a presença das mulheres negras no espaço da produção do conhecimento científico se torna um ato transgressivo; tem ainda o intuito de demonstrar como o texto literário é capaz de ocupar o lugar de representatividade trazendo informações reais e histórias dantes ignoradas, além de abordar o momento histórico e como a literatura lida com as temáticas da representatividade e negritude em um contexto específico. Dessa forma, o presente trabalho assume caráter de análise bibliográfica, para tanto, a partir da obra *Estrelas além do tempo* (2016), o referencial teórico elaborado visa discutir os elementos apontados, sendo subsidiados por autores que versam sobre a mesma temática.

Palavras-chave: Protagonismo Negro. Transgressão. Estrelas além do tempo.

Abstract: With trajectories surrounded by transgression in an environment predominantly marked by the presence of white men, mathematicians Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan and Mary Jackson star in the work of Margot Lee Shetterly (1969-XXXX), in which we find a segregationist scenario and whose nuance of otherness is effective. In this way, transgression is seen as a factor of social and historical identity construction and becomes the object of this research's gaze so that it is possible to verify how the literary text confronts these actions and serves as an environment for deconstruction and debate. Furthermore, this study will seek to reflect on the aesthetic-literary strategies used by the author to assert the voice of black scientists and give them visibility, presenting another perspective through the importance of the literary text and its potential. Therefore, the research presented here aims to discuss how the presence of black women in the space of scientific knowledge production becomes a transgressive act; it also has the intention of demonstrating how the literary text is able to

¹ Este artigo é produto do Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profa. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, docente do Instituto de Letras da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português, do Instituto de Estudos da Linguagem/IEL – Universidade Federal de Catalão.

occupy the place of representativeness, bringing real information and stories, previously ignored, in addition to approaching the historical moment and how literature deals with the themes of representativeness and blackness in a specific context. In this way, the present work assumes a bibliographical analysis character, therefore, from the selected work, the elaborated theoretical referential aims to discuss the indicated elements, being subsidized by authors who deal with the same theme.

Keywords: Black Protagonism. Transgression. Stars beyond time.

INTRODUÇÃO

Durante a década 1960, a autora Margot Lee Shetterly constrói sua narrativa tendo como pano de fundo social o período de segregação racial nos Estados Unidos, a corrida espacial e a Guerra Fria. Demonstrando o desafio de mulheres negras em um ambiente excludente no tocante às questões de gênero e raciais. Assim, aborda a trajetória de Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson e de que forma a transgressão se torna necessária para as personagens.

Essas mulheres trabalhavam como “computadores” para a NASA - Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço - e protagonizam a narrativa presente na obra *Estrelas além do tempo* (2016) ao trabalharem junto com o computador IBM 7090, projetado para fins científicos, com o intuito de elaborar o cálculo de trajetórias de voos. Diferente da atualidade, aquelas máquinas – o IBM 7090 - eram pioneiras e foram fundamentais para o programa aeroespacial americano. A atuação feminina é enfatizada com sua alta capacidade de resolver questões matemáticas, além de estabelecer a relação com os computadores. Dorothy Vaughan aprende sozinha a linguagem de programação e graças a seus cálculos e sua contribuição para a missão espacial, as naves do programa espacial americano retornam à Terra em segurança e tripulação a salvo.

Dessa forma, a presença das três mulheres representa a transgressão de espaços e ideológica, uma vez que o espaço das ciências tidas como exatas, a matemática, a física e a engenharia é demasiadamente marcado pela presença masculina e completamente embranquecida. E é por esse motivo que poder-se-á discutir como a presença das mulheres negras no espaço da produção do conhecimento científico se torna um ato transgressivo.

Vale ressaltar ainda o contexto histórico que serve como pano de fundo para a obra *Estrelas além do tempo* e que justifica o caráter transgressivo concernente às personagens. Em meados dos anos 1960, Estados Unidos e União Soviética disputavam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo que os estados americanos viam-se envolvidos em uma profunda cisão racial marcada pela hegemonia branca em relação às pessoas negras. Os espaços estavam

delimitados para circulação das pessoas e os negros não podiam circular em universidades, bibliotecas e outros espaços fundamentais para a construção do conhecimento e pensamento crítico juntamente com pessoas brancas, mas sim, em espaços somente para pessoas negras. Fator de suma importância para as análises futuras deste trabalho, uma vez que justifica as dificuldades e denúncias discutidas. Ademais, este estudo pretende demonstrar como o texto literário é capaz de ocupar o lugar de representatividade trazendo informações reais e histórias, dantes ignoradas, abordando o momento histórico e como a literatura lida com as temáticas da representatividade e negritude em um contexto específico.

Por conseguinte, dentre os fatores a serem observados, a transgressão é colocada em evidência, tendo em vista que cultural e historicamente deve ser considerada fator de desconstrução identitária, já que visa romper com o padrão hegemônico machista e caucasiano. Ainda, objetiva-se lançar uma visão analítica sobre a obra *Estrelas além do tempo* (2016) buscando demonstrar o modo pelo qual as nuances escolhidas pela autora para a construção de suas personagens principais, compreendendo que os itinerários estabelecidos pelas personagens metaforizam a busca por reconhecimento e espaço em um ambiente completamente masculinizado e segregacionista racialmente.

Dessa forma, com uma narrativa que reverbera a importância da presença feminina em um contexto particular, a presente pesquisa busca, por meio da análise bibliográfica do texto literário - estudado a partir de referenciais teóricos que discutam os aspectos destacados - demonstrar como a trajetória dessas mulheres rompe com o estigma associado ao intelecto feminino, confronta as nuances racistas, além de discutir os elementos presentes no seio da narrativa que culminam em um itinerário de resistência.

Ademais, será estabelecida uma reflexão sobre as estratégias estético-literárias utilizadas por Margot Lee Shetterly para fazer valer a voz das cientistas negras e dar-lhes visibilidade, de modo que seja apresentada outra perspectiva por meio da importância do texto literário e suas potencialidades.

Para conduzir os estudos do presente trabalho, a hipótese levantada é a de que o texto literário se torna eficaz na busca por fornecer visibilidade a obras que remontam o cenário histórico, demonstrando como os mecanismos discursivos escolhidos no texto narrativo são capazes de denunciar e confrontar valores postulados e aceitos socialmente. Tendo em vista que, ao observar que o texto literário apresenta dados históricos ocultados pela historiografia tradicional e oficial e cuja palavra possui potencialidades para discutir as estratégias de apagamento ideológico, isto é, há um porquê da trajetória de mulheres negras cientistas ter sido

invisibilizada e é o texto literário que, também, se mostra capaz de devolver o tributo necessário a elas, dissecando cada ato desse itinerário e sua representação.

AÇÕES DISCRIMINATÓRIAS E O ITINERÁRIO FEMININO

Afim de discutir como a presença das mulheres negras no espaço da produção do conhecimento científico se torna um ato transgressivo a obra *Estrelas além o tempo* (2016) direciona o olhar do leitor tanto a compreender a transgressão na trajetória das personagens, quanto em relação ao papel da literatura. Isso se verifica, pelas palavras de Braga (2009, p.1), quando a literatura se coloca como elemento de construção e reconstrução da linguagem, rompendo regras linguísticas, atingindo a subjetividade do leitor para a produção de novos sentidos e configura-se como um lugar de denúncia contra as formas sociais de injustiça.

Nesse sentido, a subjetividade explorada na obra e que busca atingir o leitor é alcançada por meio dos confrontos ideológicos elaborados por Margot Lee Shetterly, quando suas personagens sofrem por não terem acesso às questões básicas da vida cotidiana, seja ao buscar um livro na biblioteca, assentar em um determinado lugar no ônibus, cursar um curso superior ou até mesmo o mínimo, como poder usar o banheiro. Questões que provocam quem está lendo no sentido de despertar a indignação e essa é fruto da subjetividade do leitor.

Elda Fimino Braga (2009) ainda pontua que em *Estrelas além do tempo* (2016) é possível observar o teor de denúncia social que a obra assume na medida em que demonstra as dificuldades vivenciadas pelas personagens, seja na busca por provarem suas capacidades intelectuais, seja por lidarem com as desigualdades de gênero em meio ao contexto de segregação racial em que estavam envoltas.

Ademais, a trajetória de Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson é marcada pela transgressão de modo explícito nas três esferas sociais as quais a segregação racial havia imposto. Em um contexto em que as ações discriminatórias se tornaram institucionalizadas, as pessoas negras eram impedidas de circular em determinados espaços, de acessar os bens públicos e não detinham controle sobre a ordem econômica no sul dos Estados Unidos. Entretanto, as protagonistas são funcionárias da NASA e atuavam ativamente em cálculos matemáticos que seriam fundamentais para o lançamento de um foguete ao espaço.

Para representar essa transgressão e como ela se configura em traço identitário das personagens, a autora posiciona cada uma de suas protagonistas nos espaços marcados pela segregação. Ademais, destaca-se o fato de que mulheres negras passam a ocupar cargos marcados pela hegemonia masculina branca, que se outorgava como detentora do conhecimento

e da inteligência – tanto por uma questão de supremacia de gênero, em que o homem era tido como mais inteligente e capaz de atuar nas áreas do conhecimento matemático e de engenharia enquanto as mulheres deveriam estar condicionadas à realização das tarefas do lar e da criação dos filhos. Neste sentido, evidencia-se como a presença dessas mulheres em espaços predominantemente marcados por homens brancos se torna fator de ruptura, transgressão e construção identitária.

Além disso, quando as reivindicações das mulheres negras são apresentadas na obra, é possível discutir sobre a discrepância de interesses buscados pelos movimentos feministas e as feministas negras, com demandas completamente distintas. Enquanto as mulheres brancas lutavam para ter acesso ao voto, as mulheres negras não podiam utilizar sanitários que não fossem marcados pela cor preta.

Em seu ensaio sobre gênero e raça, Giselle Pinto discute sobre a condição inerente às mulheres negras e o fato de que, por se tratarem de raças distintas, não despertaram grande interesse nas feministas brancas, que durante muito tempo se propuseram a discutir sobre as relações de gênero. Para a autora,

“Estas mulheres vêm demonstrando que o enfoque exclusivo às questões de gênero apresentado como fonte de opressão de mulheres não faz a conexão entre o sexismo e outras formas de dominação existente na sociedade. Este olhar exclusivo, aliás, apaga outros aspectos das identidades das mulheres e suas experiências (inclusive raça) sexualidade e classe. (PINTO, 2007, p.31).

Os abismos entre os movimentos e como eles podem ser observados por meio da narrativa de Margot Lee Shetterly reverberam as lutas raciais e de gênero, tendo em vista que as mulheres negras lutavam por espaço dentro da sociedade e na narrativa de Margot Lee Shetterly, precisavam enfrentar o reconhecimento de suas habilidades.

Por conseguinte, para demonstrar como o texto literário é capaz de ocupar o lugar de representatividade trazendo informações reais e histórias, fazem-se necessárias algumas considerações sobre o contexto que funciona como pano de fundo para a obra *Estrelas além do tempo* (2016). Tendo em vista que a narrativa presente na obra permite um olhar acerca de fatos históricos, compreende-se que as estratégias estilísticas da autora caminham no sentido de evidenciar os discursos racistas e excludentes, apresentando as angústias vivenciadas pelas protagonistas e fazendo com que o texto literário se torne uma arma potente para as discussões sobre as questões raciais e da mulher.

Em primeiro plano, é importante mencionar que todo o contexto da Guerra Fria, corrida espacial e segregação racial estão registrados nos compêndios históricos, entretanto, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras que atuavam em papel de importância para a

sociedade nem sempre se encontram nesses registros. Sendo assim, cabe à literatura dissertar sobre essa invisibilidade, fazendo com que o texto literário possa assumir caráter de denúncia e enfrentamento, evidenciando as potencialidades da narrativa e o poder de transformação que o texto possui e é exatamente o que se encontra em *Estrelas além do tempo* (2016).

Quando é mencionada essa força concernente ao texto literário, entende-se que ele é capaz de revelar faces da história que, por algum motivo, foram ocultadas. Sobre isso, Pierre Nora (1993) defende a ideia de que a história se pauta em reconstrução de fatos, enquanto a memória busca, comumente, apresentar a vida de modo fiel. Sendo assim, a literatura se torna espaço para discussão da memória, e, no contexto de *Estrelas além do tempo* (2016) vem evidenciar o enfrentamento vivenciado por Katherine G. Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson.

Em segunda instância, para que se justifique os confrontos protagonizados na narrativa, é de suma importância trazer alguns dados contextuais que envolvem o período histórico evidenciado pela obra, a saber, o surgimento do movimento negro e suas conquistas em território norte-americano desde os anos 1950. No período, são encabeçadas lutas em resposta à segregação racial que havia sido institucionalizada durante o regime de Jim Crow, conforme discute Almilcar Pereira (2019, p. 40). Essas revoltas são encabeçadas como respostas ao regime que buscava manter dominação sobre as populações negras mesmo após o fim do período da escravidão, com estratégias de repressão política, social e econômica.

Dessa forma, é notória a institucionalização de ações discriminatórias, que passam a regular os espaços que as pessoas negras poderiam circular, tendo em vista que os negros não poderiam participar dos processos políticos, os bens públicos não poderiam ser totalmente acessados pela população negra – tais como bibliotecas e universidades – além disso, de acordo com Pereira, (2019, p. 40), os povos negros eram também destituídos de controle sobre a ordem econômica.

Percebe-se, portanto, que o contexto histórico estava marcado pela imposição de uma supremacia racial e as pessoas negras passaram a ocupar posições cada vez menos relevantes socialmente. Sobre isso, Aldon Morris afirma que (2019, p. 518) foi atribuída aos negros a concepção de que eles eram um grupo subordinado e que deveriam viver longe, separados da sociedade, já que eram inferiores, conseqüentemente, passam a ser criados os guetos e a periferia estadunidense, agregando esse público. Além disso, é nesse momento, ainda sobre o governo de Jim Crow, que os negros passam a utilizar, obrigatoriamente, banheiros separados,

escolas separadas, assenta-se sempre nos últimos lugares do transporte público, além de, constantemente encontrarem placas com dizeres “apenas para brancos”.

Em relação à forma com que são apresentadas as estratégias estético-literárias utilizadas por Margot Lee Shetterly, são estabelecidas reflexões acerca de como o texto se constrói e age para fazer valer a voz das cientistas negras, dando-lhes visibilidade, apresentando outra perspectiva por meio da importância do texto literário e suas potencialidades. Primeiramente, considera-se aqui o viés da humanização e como esse traço se faz presente em *Estrelas além do tempo* (2016).

Quando essa concepção é delineada por Antonio Candido (1995, p. 249) o teórico defende a ideia de que os assuntos que são preconizados pela sociedade passam a ser vistos por meio do texto literário e essa visibilidade se faz para incomodar o leitor, uma vez que tem suas emoções confrontadas e passa a ser levado a lugares de reflexão. Ao associar essa concepção a obra neste trabalho analisada, nota-se que à medida em que a história das personagens vai se revelando, muitas questões ocultadas pela sociedade vão se mostrando também e esse movimento de humanização se efetiva.

Nota-se que a escrita funciona como denúncia de uma realidade atroz, concomitantemente à invisibilidade de todo um grupo social atenuam o caráter humanizador que a literatura pode promover na vida do indivíduo. Sobre a relação de humanização e literatura, Candido (1995) afirma que:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Buscando trilhar esse caminho, a obra *Estrelas além do tempo* (2016) é delineada, dando voz a um conjunto populacional que vivia em condições de exclusão, segregação e discriminação de gênero. Uma obra que não é visitada sem incomodar alguns leitores, pois em determinados momentos, as agruras narradas no diário despertam quem a indignação e o questionamento em quem está lendo. Esse lugar de confronto é onde a humanização se efetiva. Mais do que um conceito teórico, humanizar é mexer com as emoções, com as expectativas de quem está lendo, é provocar indignação, direcionar o olhar, é, também lembrar o sujeito de quem ele é e o lugar que ocupa. Margot Lee Shetterly busca fazer isso para além dos cálculos matemáticos realizados por suas personagens.

Por outro viés, cabe destacar que o texto literário oportuniza aos leitores revelarem sua própria realidade - à medida em que apresenta uma realidade de enfrentamentos vivenciada cotidianamente por mulheres e por pessoas negras - ainda que muitas vezes poucos consigam enxergar. A literatura pode contribuir para alterar uma percepção e, ao mesmo tempo, fornecer subsídios para o desenvolvimento ou ampliação da consciência humana sobre determinados fatos existentes, como observa Alejandro de Losada (1976, p. 173) e disserta que as formas literárias estão ligadas à objetivação e institucionalização de formas de consciência e de existência social. Nesse sentido, a literatura não é apenas um emaranhado de criações artísticas e soma de mecanismos linguísticos, mas é um modo de construir as relações entre os homens por meio dos níveis da consciência.

ENCONTROS E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE MULHERES BRILHANTES

A obra *Estrelas além do tempo* (2016) caminha no sentido de demonstrar os pontos de encontro da vida de três mulheres negras: Dorothy Vaughn, Katherine G. Johnson e Mary Jackson. As trajetórias das protagonistas que passarão a ser vistas como matemáticas as leva a encontrarem-se no laboratório de Langley, nos Estados Unidos. É de suma importância reiterar o caráter informativo que a obra assume, ao tratar de questões históricas que delineiam o sucesso americano em relação à corrida espacial.

Em primeiro momento, faz-se necessário pontuar que Margot Lee Shetterly escolhe a verossimilhança como característica estético-literária em sua obra. Salientando que os dados históricos presentes em sua obra podem ser verificados nos registros historiográficos, além do nome das matemáticas também, eram necessários elementos que conferissem à sua obra o teor de literatura ficcional, distanciando-o de mais um catálogo histórico. Por isso, é passível de análise as características literárias exploradas no seio da obra.

A esse respeito, percebe-se que autora explora a linguagem de modo a prender a atenção do leitor, sem que o texto fique estático ou desinteressante. Conforme Maria Lúcia Outeiro Fernandes (2018, p. 438) postula, “são muito mais fortes a curiosidade e o interesse do espectador diante de um quadro que mostra um acontecimento, do que diante de uma natureza morta.” Ainda sobre esse aspecto, a autora defende que a curiosidade do espectador e seu interesse são captados por meio de um quadro de acontecimentos e não de uma narrativa inerte. Observando o trecho abaixo,

[...] mas as complicadas leis Jim Crow para transportes tornavam a comutação um desafio para todos os passageiros. Brancos entravam e saíam pela frente e

sentavam-se na seção branca na frente. Negros deveriam entrar e sair pela porta traseira e encontrar um canto nos fundos, atrás da linha “de cor”; também deveriam ceder lugar a passageiros brancos caso a seção branca estivesse lotada [...] Se a intenção das leis segregacionistas era reduzir a fricção entre as raças, na prática o efeito era contrário (Shetterly, 2017, p. 48).

Percebe-se que o pano de fundo real da segregação passa a ser descrito não somente enquanto elemento histórico, mas passaria a ser um fator decisivo na circulação das protagonistas. Entretanto, apesar de utilizar dados verídicos, Shetterly consegue elaborar esse enredo que capta o leitor, sensibilizando-o e convidando-o a reflexões ligadas até mesmo ao cotidiano atual e como a discriminação racial se mostra sutil ou descaradamente.

Ademais, Terry Eagleton (2006), ao estabelecer a definição de literatura, defende a ideia de que o texto literário explora a literariedade, concepção que se associa ao trabalho com linguagem, dentre elas se verifica o uso das figuras da linguagem, o fato de que as funções da linguagem passam a permear a emoção e poesia. Para o teórico, “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 2003, p. 3). A literariedade se observa, por exemplo, com as metáforas empregadas na obra, quando a escada assume cor e significa bem mais do que só um elemento capaz de conduzir a pessoa de um lugar a outro.

Considerando essas assertivas, ao adentrar na análise de *Estrelas além do tempo* (2016) é perceptível o cuidado por parte da autora ao delinear o enredo de sua obra e as escolhas vocabulares e construções que dão corpo ao texto, conforme se observa no texto que segue:

A escada preta para o sonho americano não possuía todos os degraus; mesmo os negros mais bem-sucedidos temiam que as forças da discriminação destruíssem sua segurança econômica a qualquer momento. Ideais sem soluções práticas eram promessas vazias. Ficar de pé o dia todo em uma lavanderia escaldante era uma oportunidade (SHETTERLY, 2017, p. 31).

Neste momento da narrativa, fala-se sobre a personagem Dorothy Vaughn, uma mulher negra que, apesar de possuir formação como professora de matemática, se vê na busca por empregos insalubres e incompatíveis com sua formação educacional. Inserida na realidade da segregação estadunidense, cuja premissa se constituía na busca constante de atribuir às pessoas negras as posições de inferioridade, Dorothy, que já possuía habilitação para lecionar matemática, deixa a sala de aula para lavar roupas em uma lavanderia.

Nota-se a forma que a autora seleciona vocábulos e os sentidos possíveis no sentido de despertar a curiosidade do leitor e ao mesmo tem, sensibilizá-lo. Pode-se afirmar que, gradativamente o leitor é convidado para o chamado da indignação com o que aquelas mulheres passaram e que reflete o período histórico aos quais estavam envoltas.

Quando Dorothy Vaughn aceita o emprego como lavadeira, a justificativa para tal troca se faz pelo fato de que professores negros ganham um salário muito menor ao se comparar ao de professoras brancas e “o preconceito das escolas brancas era a herança inesperada das escolas negras” (SHETTERLY, 2017, p. 33) dessa forma, a mãe de família não conseguiria sustentar seus três filhos.

Havia trabalhos pra negros e havia *bons* trabalhos para negros. Separar a roupa suja, fazer a cama na casa dos brancos, cortar tabaco: trabalhos para negros. Trabalhar nos correios, carregadores dos trens Pullman: *bons* trabalhos para negros. Professor, pastor, médico, advogado: *muito bons* trabalhos para negros, que traziam a estabilidade e a estima de uma educação formal (SHETTERLY, 2017, p. 36, grifos da autora).

A antítese de “trabalhos para e negros” e “bons trabalhos para negros” presente nesse trecho e os grifos autorais sinalizam o peso dessa dicotomia na vida das pessoas negras que vivam sob o jugo segregacional estadunidense. O que evoca o sentido da humanização que será um traço bastante evidente na narrativa, esse aspecto é notado por meio do modo pelo qual Shetterly denuncia a forma com que as mulheres passam a ser silenciadas e o quanto elas precisam lutar para conseguir seu espaço – tendo o vocábulo espaço um valor plurissignificativo na obra, isto é, os espaços a serem alcançados pelas mulheres negras deveria ser ali no laboratório, tanto em meio a masculinidade quanto a branquitude dominante.

Considerando ainda esses aspectos de linguagem e como eles são tratados na obra de Shetterly, a antítese e o paradoxo se fazem presente não raras vezes, evidenciando as construções sociais em pares, entretanto, a autora enfatiza o quão errôneas são essas sinalizações e passa a romper com convenções sociais na obra, a principal delas pode ser aqui destacada e diz respeito da posição da mulher na construção do conhecimento científico.

Historicamente, a mulher foi criada e moldada para dedicar-se às funções do lar, ser uma boa esposa, cuidar do marido e gerar filhos. Lógica pautada nos ideais cristãos e que se aconchega no senso comum, passando a dar vazão para os discursos machistas que circulam livremente na sociedade e que não creditam às mulheres a capacidade de se destacar no âmbito das decisões políticas, administrativas ou de conhecimento científico.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em faces desses deuses de figura humana que definem fins e valores (BEAUVOIR, 2009, p. 782).

Rompendo com esse estigma associado às mulheres, Shetterly (2016) as coloca em lugar de destaque em sua obra, ali, tendo em vista que elas são fundamentais ao operarem cálculos matemáticos que levariam os EUA a uma posição de destaque e relevância mundial.

Discutindo sobre a presença feminina no campo das ciências da natureza, Karla da Silva Araújo (2018, p.16) afirma que historicamente as desigualdades se constituem em relações hierárquicas que embasam papéis socialmente aceitos para homens e mulheres, por isso, é necessário identificar as origens dessas hierarquias que as levaram para esse lugar de invisibilidade no contexto de produção do conhecimento. A autora acrescenta que,

Ao observarmos os escritos que tratam do desenvolvimento das ciências e, mais especificamente, da matemática, notamos que há uma enorme lacuna no que tange às contribuições das mulheres, evidenciando sua invisibilidade ao longo do tempo. Os estudos contemporâneos que por motivos diversos colocaram a mulher como foco principal evidenciaram que não se trata da inexistência da contribuição feminina para a evolução do conhecimento científico, mas de um silenciamento proposital fundamentado nas relações de poder estabelecidas socialmente (ARAÚJO, 2018, p. 16).

Neste sentido, Shetterly opta pela transgressão como fator de construção em sua obra, tanto ao colocar as mulheres em posição de destaque e ao colocar mulheres negras no lugar de protagonismo, coroando-as como essas estrelas que estiveram sempre a frente de seu tempo mereciam. O trabalho exercido pelas mulheres era fundamental naquele momento e, sem suas contribuições, tudo iria desmoronar. Nota-se o peso das mulheres, por exemplo, em:

Na próspera cidade, a maior parte do trabalho era feita por mulheres. A visão de mulheres de macacão trabalhando em postos de combustível por toda a região tinha se tornado tão comum que não atraía mais olhares. Havia mulheres engraxates, em estaleiros e nos escritórios das instalações militares. (SHETTERLY, 2017, p, 46).

Ademais, a autora quebra a concepção de fragilidade e ineficiência da mulher, porque os cálculos realizados no laboratório de Langley (que se tornaria a NASA no futuro) eram todos resolvidos pelas mulheres, que atuavam como Computadoras. Interessante pontuar que somente no fim da obra que os homens passam a ocupar esses cargos, mas durante os momentos principais e decisivos, é o fôlego e a dedicação femininos que passam a ser essenciais no laboratório.

Muitos engenheiros também eram bons matemáticos. Mas eram as mulheres que massageavam os números, nadavam nos números, examinavam os números até que os olhos delas ficassem turvos, do momento em que colocavam suas bolsas sobre as mesas na parte da manhã até vestirem seus casacos para sair no fim do dia. Elas verificavam os trabalhos umas das outras e colocavam pontos vermelhos nas planilhas de dados quando encontravam erros – e havia pouquíssimos pontos vermelhos (SHETTERLY, 2017, p. 135)

Mulheres que nadavam com números. A forma poética e fluída com que Shetterly descreve as mulheres é também um traço transgressor, uma vez que não está valorizando somente o trabalho realizado pelas personagens ali no espaço do laboratório, mas ressaltando a devoção e comprometimento das mulheres com aquilo que faziam, sem esforço e naturalmente. Além disso, nesse momento, a autora recorre às características estético literárias novamente em seu texto, por meio de metáforas que exaltam a tranquilidade e familiaridade com as quais as mulheres lidavam com esse campo do conhecimento compreendido como inerente ao universo masculino.

Entretanto, apesar do brilhantismo da mente dessas grandes mulheres, elas não passariam incólumes ao discurso machista permeado no ambiente do laboratório. Considerando que as mulheres estavam condicionadas a realizar os cálculos, eram os engenheiros – homens – quem assinariam os relatórios e ficariam com todo o prestígio diante de operações de voos bem-sucedidas, em um cenário contrário, a mulher recebia o fardo do fracasso, simplesmente por ser mulher.

Os pesquisadores experientes acolhiam os novatos do sexo masculino, iniciando-os em sua guilda nas conversas o refeitório na hora do almoço em *happy hours* exclusivos para homens [...] As mulheres, por outro lado, tinham de manejar o intelecto como uma foice, golpeando a teimosa vegetação rasteira das baixas expectativas [...] Mesmo uma mulher que trabalhasse com um engenheiro o conteúdo de um relatório de pesquisa raramente seria agraciada com seu nome ao lado do dele na publicação. Por que as computadoradoras teriam o mesmo desejo de reconhecimento que eles? Era essa a pergunta que muitos engenheiros faziam. Afinal, eram *mulheres* (SHETTERLY, 2017, p. 103, grifos da autora).

Além disso, já que as matemáticas eram responsáveis por somar, dividir ou multiplicar, não lhes eram informado sobre o que elas estavam calculando, os documentos que lhes eram entregues, por muitas vezes, chegavam rasurados, com borrões ou marcações que limitassem a descoberta do que se tratava.

Para muitos homens, uma computadoradora era uma máquina viva, um aparelho que inalava um conjunto de valores e exalava o outro. Quando alguma garota terminava algum trabalho específico, os cálculos eram levados para o reino sombrio dos engenheiros [...] “Porque o engenheiro vai assumir o crédito por qualquer coisa que fizeres que por acaso seja inteligente e cheio de glória. Se, contudo, vacilas e fazes uma conta errada, ou fazes qualquer fiasco de qualquer tipo possível, ele colocará o erro à tua porta quando for chamado a prestar contas e dirá: ‘O que se pode esperar de uma computadoradora, não é mesmo’” (SHETTERLY, 2017, p. 77).

Neste sentido, a autora salienta que para a mulher, esse espaço sempre é ocupado de modo mais difícil do que o homem, uma vez que as mulheres, além de demonstrarem-se

comprometidas, excelentes no que faziam, teriam de sofrer discriminação de gênero, simplesmente por serem mulheres.

Para além da discussão de gênero, outro ponto central na narrativa de Shetterly que reverbera a força do texto literário se concentra na discussão racial e que demonstra como a história das protagonistas Dorothy Vaughn, Katherine G. Johnson e Mary Jackson são marcadas por embates ideológicos, uma vez que a segregação racial parte da ideia de que a hegemonia branca estava acima dos negros que sempre deveriam ocupar posições inferiorizadas e subalternas.

Ao trazer essa discussão para o seio de sua narrativa, a autora utiliza-se do espaço literário para empoderar não apenas aquelas mulheres que fizeram história, mas as demais mulheres negras que, cotidianamente travam embates para serem reconhecidas como capazes de ocupar papéis de destaque, de liderança e respeito independente de sua cor.

As sinalizações da segregação racial seguiam firmes, entretanto, o laboratório buscava ações que mitigassem a discriminação em seu espaço. Pode-se afirmar que o laboratório em Langley buscava, lentamente, romper com a discriminação social, uma vez que contratava negros, dando-lhes oportunidades de ascensão social, com oportunidades profissionais sem precedentes. Apesar disso, o preconceito se assentava à mesa com as computadoradoras e lhes fazia companhia no labor cotidiano.

Em sua maioria, os grupos sentavam-se juntos por força do hábito. Para as Computadoras Oeste, foi uma ordem. Um cartaz branco em uma mesa na parte de trás da lanchonete as chamava, com suas letras pretas que nitidamente marcavam a hierarquia do refeitório: COMPUTADORAS DE COR. Era o único cartaz da lanchonete da Área Oeste; nenhum outro grupo precisava de seu assento designado da mesma forma [...] As mulheres da Computação Oeste eram os únicos profissionais negros em laboratório: não exatamente excluídas, nem também muito incluídas (SHETTERLY, 2017, p. 61).

Apesar do brilhantismo das mulheres negras, a cor lhes impunha uma posição de inferioridade, não bastasse estarem em um espaço marcado pela predominância masculina, o fantasma da discriminação racial lhes assombrava cotidianamente e extrapolando o ambiente laboral. Sobre isso, a narrativa revela como a sociedade se comportava:

A história das Computadoras de Cor espalhou-se pela comunidade, como era de se esperar, e havia aqueles que viam em sua contratação evidências de que o mundo estava chegando ao fim. Mesmo entre a elite local que participava de concertos e de peças de teatro no Salão Ogden, o auditório do Instituto Hampton, havia quem esperava se sentar na parte da frente da sala, separados até mesmo de professores e funcionários negros da escola (p. 65)

Acerca das protagonistas, Dorothy Vaughn, Katherine G. Johnson e Mary Jackson, as três mulheres eram dotadas de habilidades matemáticas que estavam muito acima do esperado para computadoras e até mesmo dos engenheiros do laboratório. A inserção delas no laboratório representava para a instituição, apenas uma quantidade de mulheres negras, entretanto, para cada uma das personagens, elas enxergam sua inserção naquele ambiente como uma oportunidade que bateu à porta e, a partir dela, mudariam a vida para sempre. Dorothy Vaughn, além da carga horária de seu trabalho, foi incentivada pelo laboratório a se aprofundar ainda mais em teorias aerodinâmicas, o que lhe serviria ainda mais no futuro próximo ao lançamento do foguete.

Com o objetivo de transformar professoras de matemática em jovens engenheiras afiadas, o laboratório patrocinou um curso intensivo em física de engenharia para novas computadoras, uma versão avançada do curso oferecido no Instituto Hampton. Dois dias por semana depois do trabalho, Dorothy e as outras novas garotas entravam em uma sala de aula improvisada no laboratório para uma imersão completa na teoria fundamental da aerodinâmica (SHETTERLY, 2017, p.72).

Conciliando a vida conjugal com o trabalho, Dorothy se estabelece primeiro, para depois trazer seus filhos e marido. Se anteriormente este trabalho abordou a questão da transgressão enquanto fator de construção identitária das personagens, isso se verifica novamente à medida em que Dorothy se dedica integralmente ao trabalho, de tal forma que o período em que volta para casa – após o fim da guerra – e fica condicionada à criação de filhos e cuidados com o lar a conduz para um estado depressivo, sinalizando seu desejo de regressar ao trabalho, que era sua força motriz. O trabalho agitava a vida dessas mulheres, pois elas haviam estudado e se formado para aquilo, dessa forma, abster-se do labor, traria impactos emocionais também.

Negras ou brancas, leste ou oeste, solteiras ou casadas, com ou sem filhos, mulheres haviam se tornado fundamentais para a pesquisa aeronáutica. Nem um ano depois do fim da guerra, voltaram a aparecer no boletim os conhecidos anúncios de vagas no laboratório, inclusive para computadoras [...]. A matemática na pesquisa em Langley era um trabalho *muito* bom para pessoas negras, e também *muito* bom para mulheres (SHETTERLY, 2017, p. 101).

Dorothy não apenas realizava cálculos matemáticos, mas alcançou cargo de liderança entre as jovens de seu departamento. Com desempenhos excelentes e comprometimento ímpar, estava incumbida de gerenciar as computadoras do departamento e é por isso que conhece a jovem Mary Jackson, que revolucionaria o espaço demarcado para mulheres negras no laboratório. A esse respeito, faz-se necessário pontuar que revoluções e marcos históricos importantes não são alcançados sem sofrimento, infelizmente.

Em uma dessas ocasiões, dois anos depois de Mary se juntar à Computação Oeste, Dorothy Vaughan mandou Mary para o lado leste, alocando-a em um projeto com várias computadoradoras brancas. A rotina do trabalho de computação tinha se tornado familiar a Mary, mas a geografia do lado leste não. Aquela sua manhã no lado leste tinha seguido sem incidentes...Até que a natureza chamou. “Vocês poderiam me indicar onde é o banheiro? Perguntou Mary às mulheres brancas. [...] Furiosa e humilhada, ela saiu pisando forte para encontrar o banheiro *dela* (SHETTERLY, 2017, p. 128).

A força do texto novamente é evidenciada e Shetterly expõe as vísceras do preconceito e as atrocidades concernentes ao período da segregação, muito além de espaços sociais, as mulheres negras não poderiam sequer sanar suas necessidades fisiológicas em banheiros que não fossem “de cor”.

No momento em que as mulheres brancas riram dela, Mary tinha sido rebaixada de matemática profissional a um ser humano de segunda classe. Havia sido lembrada de que ela era uma garota negra cujo xixi não era bom o bastante para as privadas brancas. (SHETTERLY, 2017, p. 129)

Completando a trindade de mulheres negras brilhantes, Katherine, ao contrário de Dorothy, havia engavetado seu sonho de se tornar uma matemática de referência e dedica-se às atribuições domésticas, entretanto, o chamado para o laboratório lhe chega em momento oportuno e ela que já era tão experiente com cálculos matemáticos, se vê recalculando sua própria trajetória.

[...] a ideia de se tornar uma pesquisadora matemática tinha sido sempre uma abstração, e, com o passar do tempo, era fácil acreditar que aquela função só existia na mente excêntrica do professor. Contudo, em Hampton, Virgínia, Dorothy Vaughan e dezenas de outras ex-professoras estavam provando que mulheres pesquisadoras matemáticas não eram apenas um recurso do tempo de guerra, mas uma força poderosa que estava prestes a propelir a aeronáutica americana para além dos limites já alcançados (SHETTERLY, 2017, p. 95).

De modo genioso, Shetterly aciona conceitos matemáticos à trajetória de suas personagens, assim, considerando grandezas diretamente proporcionais, à medida em que Katherine via sua carreira alavancar, seu casamento desaba e a jovem passa enfrentar intensos desafios para se manter firme em seu trabalho e atuando na criação de suas filhas.

Em público, Katherine Goble era sempre graciosa, otimista e serena, e insistia para que as filhas agissem do mesmo modo. Sua dor e sua solidão, o peso de ser mãe e pai ao mesmo tempo, isso ela deixava para a vida privada na casa em Mimosa Crescent (SHETTERLY, 2017, p. 201).

Percorrendo o caminho que lhe fora aberto pelas colegas que vieram antes de Katherine, apesar de suas angústias pessoais, se destaca em seus cálculos e recebe a incumbência de revisar os expoentes matemáticos que levariam o homem ao espaço. Mais uma vez percebe-se a evidência que Shetterly atribui ao montar um palco para que suas estrelas pudessem brilhar.

Katherine, que agora participava de estudos meticulosos que seriam responsáveis por levar o homem ao espaço, sentava-se com os engenheiros para revisar percentuais de tecnologia espacial, participando de palestras e círculos importantes e seu espírito questionador não se inibira diante de seus colegas. “Diga-me onde quer que ele pouse, e eu direi de onde lançá-lo” (SHETTERLY, 2017, p. 206).

O espírito questionador de Katherine e sua confiança em si mesma a levarão a maior conquista não apenas de sua vida, mas de todas as mulheres negras que haviam pisado no laboratório da NASA. Um dos momentos mais emblemáticos da narrativa, que coroa toda a trajetória das mulheres na busca por seu espaço, era justamente lançar o homem para o espaço dentro de um foguete e trazê-lo de volta. “As mulheres matemáticas dominavam as calculadoras mecânicas da mesma maneira que os pilotos de teste dominavam os aviões mecânicos” (SHETTERLY, 2017, p. 234)

Os computadores que pilotavam naves espaciais podiam ser o futuro, mas isso não significava que John Glenn precisava confiar neles. Entretanto, ele confiava nos colegas inteligentes que controlavam os computadores. E os colegas inteligentes que controlavam os computadores confiavam na computadora *deles*, Katherine Johnson [...]“Chamem a garota que verifica os números” disse o astronauta. “Se ela disser que os números são bons, estou pronto para partir”, continuou ele. (SHETTERLY, 2017, p.235)

A garota que verificava os números era Katherine Johnson, que insere seu nome nas capas dos jornais e tem seu rosto evidente na televisão da época como a matemática responsável pelos cálculos que levaram o homem ao espaço e o trouxe de volta à órbita em segurança. Marco que ficaria não apenas para a história dos Estados Unidos da América, mas para as mulheres negras que viram no itinerário de Katherine, Dorothy e Mary Jackson esperança para romper com as barreiras da discriminação, fosse ela de gênero ou racial.

O clima estadunidense que viria posteriormente coroa essa trajetória de luta pela derrubada dos regimes raciais desde Jim Crow, anos depois, Martin Luther King Jr³. (1929 - 1968) encabeça a luta pelos direitos civis na América, defendendo a ideia de liberdade e igualdade para as pessoas negras, marcos históricos essenciais para a compreensão da importância da obra *Estrelas além do tempo* (2016) e outras que se aventurem a esmiuçar esse período tão delicado e ao mesmo tempo, tão significativo.

CONCLUSÃO

³ Martin Luther King Jr. foi um pastor batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos de 1955 até seu assassinato em 1968

Considerando a transgressão como um fator de construção das identidades, Margot Lee Shetterly em sua obra evidencia a luta de três mulheres negras com aptidão matemática que se destacam em um ambiente marcado pela presença de homens brancos. Dorothy Vaughan, Mary Jackson e Katherine G. Johnson, lutam incessantemente contra a discriminação racial e de gênero. Ao passo que os Estados Unidos financiavam o laboratório Langley para poder enviar o homem ao espaço, as três mulheres negras travavam batalhas para alcançarem seu espaço na história.

O jogo e a plurissignificação dos vocábulos não se fazem como fruto do acaso na narrativa, nota-se que a literariedade é explorada em todo o enredo, o que oportuniza ao leitor o conhecimento de uma realidade dura, entretanto, que possui nuances poéticas, delineadas pela autora. Homem e mulher, brancos e negros, por meio das antíteses presentes na obra o olhar do leitor é direcionado para a compreensão de como a realidade social estava organizada e os impactos disso na trajetória das jovens matemáticas.

Por esse viés, nota-se que Margot Lee Shetterly utiliza o espaço narrativo como lugar de denúncia sobre a luta racial vivenciada pelas mulheres negras e atribuindo a função humanizadora a seu texto, uma vez que, ao tocar em questões ocultadas pela sociedade, o leitor passa também a ser incomodado a pensar sobre esse assunto. *Estrelas além do tempo* (2016) é uma obra que consegue incomodar aqueles leitores que conhecem a realidade segregacionista de perto, ou que sabem os impactos da discriminação racial e suas implicações. Assim, seja com as placas demarcando banheiros negros, seja por causa da discriminação de gênero que as mulheres sofrem constantemente, há busca, por parte da autora, de convidar o leitor para a reflexão sobre essas questões.

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido estabelecendo reflexões sobre essas estratégias estético-literárias que Margot Lee Shetterly utiliza em sua obra e que servem para que seja dada visibilidade às cientistas negras, além de que esta pesquisa também buscou enfatizar a importância do texto literário com sua potencialidade para discutir temáticas como a segregação racial. Por conseguinte, ao discutir sobre a presença da mulher em espaços predominantemente masculinizados, discutiu-se sobre as imposições e papéis sociais demarcados pelo gênero.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Leonardo Pinto. **Escrita e leitura – A produção de subjetividade na experiência literária**. Curitiba: Juruá, 2009.

ARAÚJO, Karla da Silva. **Relações de gênero no contexto escolar: Matemática não é para mulheres?** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia De Goiás Campus Valparaíso Licenciatura em Matemática. Disponível em <https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/217/1/Karla%20da%20Silva%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em 9 fev 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGA, Elda Firmo. **Literatura, poder e contra-poder**. Revista Hispanista. n. 397. Acesso em: 20 nov. 2015.

BRAGA, Elda Firmo. **As dimensões estéticas da pentalogia “La guerra silenciosa”**: um espaço literário de resistência humana e de motivações ecológicas / Elda Firmo Braga. – Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 235 – 263.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura – Uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOOKS, Bell. Black women: shaping feminist theory. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, 2015.

LOSADA, Alejandro de. **Creación y Práxis – La producción literaria como praxis social en Hispanoamérica y el Perú**. Lima: UNMSA, 1976.

MORRIS, Aldon D. **A retrospective on the Civil Rights Movement: Political and Intellectual Landmarks**. Annual Reviews Sociology, n.25, p. 517-39, 1999.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993. p. 7-28. Disponível em <<https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763&ved=2ahUKEwi00o-AxM7eAhWCIZAKHetmAXAQFjABegQICRAB&usg=AOvVaw1wD1Sp6Sn0J67DhzSfxMUD>>. Acesso em 15 jan 2018.

NORA, Pierre. (dir.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997. v.1-3.

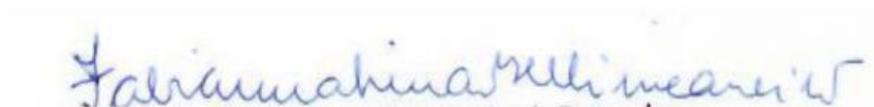
PEREIRA, Almilcar A. **“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010.

PINTO, Giselle. Gênero, raça e pós-graduação: um estudo sobre a presença de mulheres

SHETTERLY, Margot Lee. **Estrelas além do tempo**. Trad. Balão Editorial. 2 Ed. Harper Collins Brasil, 2016.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. As sutilezas da verossimilhança e as variações da realidade. Revista de Estudos Literários 8 (2018): 437-462. <https://doi.org/10.14195/2183->

847X 8 17. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/45168/1/As_sutilezas_da_verossimilhanca.pdf. Acesso em 10 fev 2023.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Fabiana Maria M. L. M. S. W.'.

Professora Orientadora



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



TERMO DE DEPÓSITO DEFINITIVO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Pelo presente, eu Katiuscia Alves de Oliveira, graduando (a) do Curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão, matrícula nº 2019033, CPF nº 712.153.871-72, RG nº17362874, e-mail: Katiusciaalves01@gmail.com, Telefone: (64) 99994-2709 encaminho à Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso, o meu TCC intitulado: "A TRANSGRESSÃO FEMININA E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO EM *ESTRELAS ALÉM DO TEMPO*" transgressão feminina é o poder do texto literário em Estrelas além do tempo, defendido no dia 02 de março de 2023 e aprovado para depósito definitivo pelo (a) Professor (a). Orientador (a): Fabianna Simão Bellize Carneiro

Catalão, 09 de março de 2023.

Acadêmico (a)

Professor (a) Orientador (a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Eu, Katiúscia Alves de Oliveira, brasileira, casada, estudante, residente e domiciliado(a) à rua José Agapito dos Santos s/n centro, Cidade de Cumari, Estado de GO, portador do RG nº17362874, CPF nº712153871-72, na qualidade de titular dos direitos morais e patrimoniais de autor da obra intitulada "A TRANSGRESSÃO FEMININA E O PODER DO TEXTO LITERÁRIO EM ESTRELAS ALÉM DO TEMPO", elaborada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem-IEL, da Universidade Federal de Catalão, em 09/03 2023, (X) AUTORIZO/ () NÃO AUTORIZO o IEL/UFCAT, a reproduzir, disponibilizar na rede mundial de computadores (Internet) e permitir a reprodução por meio eletrônico da obra, a partir da data de entrega da versão final.

Catalão, 09 de março de 2023.

ASSINATURA DO/A ACADÊMICO/A
Curso de Letras Português

ASSINATURA DO/A ORIENTADOR/A
Curso de Letras Português